2.ª SERIE. TOMO III.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 7. QUINTA FEIRA, 24 DE OUTUBRO DE 1850. 10.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### MACHINAS MOVIDAS POR VAPOR EM LISBOA E SEU TERMO.

Somos partidarios das Fabricas Nacionaes, e desejamos sempre ter provas que appresentar em seu favor.

Ao presente, a vida industrial póde medir-se pelo vapôr. Sem este poderoso agente a industria não tem significação valiosa.

Apezar do que a imprensa tem publicado ácerca da nossa industria, e do que nós tambem temos publicado, ainda ha cegos de intendimento, que não percebem, que não ouvem o grandioso movimento dessa vida industrial, que se pertende desenvolver pôr todo o paiz.

A falta de estatisticas faz com que, muitas vezes, se não possam plenamente confundir as desvairadas accusações dos inimigos da industria.

Em taes circumstancias, julgâmos ser de maxima importancia a seguinte nota, que hoje publicâmos, das 35 machinas de vapôr, sommando ao total 509 cavallos: e sustentadas em virtude das pautas.

84

| FABRICAS. | FORÇA A CAVALLOS. | LOCALIDADES. |
|---|---|---|
| Fiação e Tecidos Lisbonense | 90 | Santo Amaro. |
| Fabrica de Papel | 40 | Abelheira. |
| Estamparia | 30 | Rio de Alcantara. |
| Fabrica de Rapé | 25 | Xabregas. |
| Dita | 25 | « |
| Tecidos de Lã | 24 | Calvario. |
| Fiação e Tecidos Lisbonense | 24 | Sitio do Olho de Boi. |
| Tecidos de Lã | 20 | Campo Grande. |
| De descascar Arroz | 20 | Bom Successo. |
| Caza da Moeda | 16 | |
| Arsenal do Exercito | 16 | |
| João de Brito | 16 | Sitio de Beato. |
| Arsenal de Marinha | 14 | |
| Viuva Burnay & Filhos | 14 | Alcantara. |
| Arsenal de Marinha | 12 | |
| Refinação do Assucar | 12 | Junqueira. |
| Papel | 12 | Rua Formosa. |
| De moer Trigo e descascar Arroz | 10 | Alcantara. |
| Terry, de lustrar e ondear sedas | 10 | Amoreiras. |
| Chimica | 10 | Verdelha. |
| De serrar Madeira e Pedra | 10 | Rua da Boavista. |
| Chimica | 8 | Verdelha. |
| Vulcano | 8 | Boqueirão do Duro. |
| Papel | 8 | Abelheira. |
| Cerveja | 6 | Rua da Flôr da Murta. |
| Collares & Filhos | 6 | Largo do Conde Barão. |
| Fabrica Phenix | 6 | Rua Nova do Caes do Tojo. |
| Stearina | 6 | Bom Successo. |
| Arsenal da Marinha | 4 | |
| Imprensa Nacional | 4 | |
| Chimica | 4 | Margueira. |
| Refinação do Assucar | 4 | Junqueira. |
| Asphalto | 3 | Santa Apolonia. |
| Arsenal do Exercito | 2 | |
| Papel | 2 | Rua Formosa. |

## MEIO DE CONHECER A FALSIFICAÇÃO DOS TECIDOS.

85 M. Mainen, professor de chimica em Rheims, acaba de publicar um methodo seguro de descobrir nos tecidos o algodão ou outro fio estranho da lã ou da seda. Consiste em applicar ao estofo, cuja qualidade se pertende verificar, uma dissolução de chloruro de estanho. Se o tecido suspeito contiver alguma porção de fio de algodão ou de linho, será logo indicada tingindo-se de preto todos esses fios, ao passo que a lã ou a seda não soffre alteração, por quanto aquelle sal de estanho não actua sobre as substancias animaes.

---

## CAMARAS MUNICIPAES.

(Continuado de pag. 66.)

*Contribuições Municipaes* 1848 a 1849.

86 O trabalho sobre contribuições municipaes que tenho estado publicando nos n.os que precedem, já estava feito ha uns poucos de annos. O seu começo foi com os mappas de 1843, publicados em 1845, e seguido depois com os de 1847 a 1848, que cuidei de poder harmonisar com os primeiros, mas que me não foi possivel, porque é impraticavel contrastar quantidades heterogeneas.

Se havia difficuldade em alcançar um resultado entre os mappas de 1843 e os de 1847—8, a comparação dos de 1848 — 1849, com os seus primogenitos, é uma tarefa tão confusa, que ninguem será tão estulto, que ouse, nem se quer, de a encarar. Neste presupposto, a ligação que este appendice tem de ter com o trabalho que o antecede, é quasi nenhuma.

Em geral, todos nós, é preciso confessar o sestro, temos o costume ignaro de fazer carga por inteiro ao Governo de todo o desleixo, quanto vae em tudo, por esta nação. A propensão que nos domina para nos descartarmos de toda a nossa insufficiencia sobre o Governo, é innegavel, entretanto esta propensão, não é de todo, justa. Ahi estão as Camaras Municipaes, que em nada relevam para o seu regimen, da interferencia do Governo, as quaes estão dando um desmentido horrisono, a essa banal imputação, por onde se querem assacar todas as culpas da nossa desorganisação ao Poder Executivo.

Eu desejo mais esclarecer do que censurar. Quando me quizessem arguir do contrario, a minha justificação está na nota posta ex-officio em 1848 — 1849 ao concelho de Odemira. Este concelho tinha em tal *estado de desordem* (sic) *a escripturação da respectiva Camara, que occasionou a necessidade de alli irem dois empregados da secretaria do Governo Civil a liquidar e regularisar sua escripturação.*

A desordem que se accusa em Odemira em 1848 — 9, receio eu muito, não seja singular para aquelle concelho sómente. As contribuições, em muitos dos outros, segundo os mappas de 1848 — 1849, não só vem trocadas, ao que parece, á fantasia, pondo-se, as directas pelas indirectas, e vice versa, mas trazem espantosas ommissões e alterações, em vista dos mappas de 1847 — 1848.

Sempre sollicito em não avançar uma asserção, que não possa sustentar, aqui seguem algumas das anomalias que acabo de preconisar: —

| CONCELHOS | 1848 — 1849 Rs. Direct. | CONTRIBUIÇÕES Indirect. | 1847 — 1848 Rs. Direct. | Indirect. |
|---|---|---|---|---|
| Soure | 609:904 | 1.063:103 | 100:000 | —»— |
| Figueira, Castello Rodrigo | —»— | —»— | 621: | 649:460 |
| Freixo de Numão | —»— | 110:200 | 340: | 96: |
| Pesqueira | 409.710 | —»— | 1.631:825 | —»— |
| Coruche | —»— | 264:120 | —»— | —»— |
| Ferreira do Zezere | —»— | 45:000 | —»— | —»— |
| Monte Argil | 415:340 | —»— | —»— | —»— |
| Arrayolos | 770:571 | 932: | 198: | —»— |
| Borba | —»— | 440: | —»— | —»— |
| Evora Monte | 200:449 | 100: | —»— | —»— |
| Monte-mór o novo | —»— | 485: | —»— | —»— |
| Móra | 1.325:515 | 248:400 | 105:800 | —»— |
| Portel | 2.347:920 | —»— | —»— | —»— |
| Béja | 4.000:000 | 1:271:654 | 1.430:241 | —»— |
| Cast.º Verde | —»— | —»— | 925:470 | —»— |
| Ferreira | 1.081.699 | 24:124 | 10:100 | —»— |
| Mertola | 2.700.000 | 34:000 | —»— | —»— |
| Messejana | 843:394 | 350:000 | —»— | —»— |
| Vidigueira | —»— | —»— | —»— | 706:810 |
| Alcoutim | —»— | —»— | 453:635 | —»— |
| Aljesur | 202:711 | —»— | —»— | —»— |
| Castro Marim | —»— | 195:550 | —»— | —»— |
| Lagôa | 1.052:270 | —»— | —»— | —»— |
| Loulé | 897:745 | —»— | —»— | —»— |
| Villa do Bispo | —»— | —»— | 100:000 | —»— |

As anomalias que deixo assignaladas nesses 25 concelhos, que acabo de recopilar, não podem deixar escrupulos alguns sobre as increpações que faço á contabilidade, que apresentam as Camaras Municipaes. Sem entrar em mais detalhes a respeito do livre arbitrio com que lançaram ou escripturaram as suas contribuições os 25 concelhos, que acima tenho registrado, bastará dizer que o de Soure apparece nos mappas de 1848 — 9 com perto de 17 vezes maior contribuição, do que nos mappas de 1847 — 8. ¿Ora como póde isto ser? De nenhuma fórma é factivel, e ou os mappas de 1847 — 8, estão errados, ou os de 1848 — 9. ¿E porque não hão de estar ambos? Esta é a fé que me acompanha, e tambem a de que a gerencia das nossas Camaras Municipaes precisa de uma reforma radical.

Em quanto se não proceder a ella, as suas contas serão outro tanto papel, mandado escrever por ordem

superior, o qual não servirá senão para enganar a quem quizer estar a fazer conjecturas sobre os termos arithmeticos das contas municipaes.

A reforma que eu suggiro para as Camaras Municipaes, urge com toda a instancia, não só por causa da sua contabilidade fiscal, mas porque todas ellas se dão taes liberdades para taxarem os generos, que é impossivel que não venham a embaraçar cruelmente o consumo delles.

O sal, a carne, o vinho, soffrem ás mãos das respectivas vereações, arbitrios taes em taxas, que são elles mais depressa resgates, do que se podem chamar, impostos. Em Ponta da Barca, vem o primeiro dos tres generos que aqui aponto, taxado em 1:200 réis o moio, e em Ponte de Lima em 2:400 réis. Qualquer destas duas fintas que duplicam uma da outra, todos sabem, importam em muito mais do que o custo do genero, e por tanto tendem poderosamente a embaraçar a sua extracção.

A carne, outro dos generos perseguido, chega em uns concelhos a pagar 18 réis por arratel (Setubal), n'outros 11 réis, 10 réis, (Guimarães, Aldegallega do Ribatejo), em quanto n'outros (Santa Martha do Boiro) paga só 1 real.

No vinho sobre tudo, é onde exercem mais as municipalidades toda a sua anarchica auctoridade. O concelho de Guimarães levanta 240 réis em almude de vinho, e não levanta mais de 240 réis em almude de aguardente. Em Villa Chã e Larim, levam 1:920 réis por cada pipa de agua pé, levando 1:200 réis por cada almude de aguardente; 2:400 por vinho maduro, e sómente 240 réis por pipa de vinho verde. Em Paredes tambem são 30 réis o almude, e no vinho verde, 200 réis no vinho maduro, e nas bebidas espirituosas unicamente 300 réis o almude. Em Fermedo de Aveiro, paga o vinho maduro 8 réis o quartilho, a aguardente o mesmo, e o vinho verde ametade só do que paga a aguardente.

Quem quizesse averiguar de todo as irregularidades que em materia de impostos praticam as municipalidades, não acabava nunca com a sua ingrata empreza.

Eu já disse as muitas puncturas como que de alfinete, que o fisco municipal no Algarve dava em todos os generos que lhe passavam pela porta. No que disse, não disse nada, á vista dos novos mappas de 1848 — 9. O concelho de Castro Marim, pelos mappas deste anno, apparece impondo nada menos, de 162 contribuições indirectas, nas victimas que tem a desgraça de serem levadas pelo seu destino a entrarem em tal terra. Todas essas 162 contribuições não montam mais do que réis 197:550, ou a 1:219 réis cada uma das especies dellas. Uma derrama como é esta, em tão pequenos capitulos cada um delles, não póde deixar de empregar um numero tal de cobradores, que devem absorver em ordenados, tanto ou mais, do que o importe dos 197:550 réis da totalidade dos impostos. E se estas 162 alcavalas ou maltistas andam, como effectivamente acontece, arrematadas ¿que fervedoiro de vexames não hade ir ahi para que não escape mealha á malsinagem? O disparatado nos preços das posturas deste concelho, é para isso, e toda a casta de denuncias e conflictos. Em quanto o alqueire de milho paga alli 20 réis, o alqueire de azeite que val umas poucas de vezes o alqueire de milho, não paga mais de 40 réis, e o alqueire de amendoa 30 réis, e o almude de vinho 20 réis, e o almude de vinagre tambem 20 réis. Além da desegualdade que se nota neste concelho nas imposições sobre os comestiveis, paga o ferro 100 réis em arroba, em quanto o aço paga 80 réis. A legislação de Castro Marim é tambem sumptuaria. A meia de seda paga 40 réis o par, e a toalha de linho 20 réis. Para em tudo mostrar o seu poderio, não esqueceu a este concelho, o seu paço da madeira. A caixa vasia paga 150 réis, o bahu vasio 180 réis, a caixa pequena 70 réis, o bahu pequeno 90 reis e a meia pipa 50 reis. O orçamento de Castro Marim, é em summa uma curiosidade, e é o nosso microcosmo.

Dito uma parte das aberrações que mostra o concelho de Castro Marim, não devo passar em claro o concelho de Faro. Aqui tambem ha as suas 97 contribuições indirectas que montam porém a 1.966:300 réis, que andam arrematadas em globo, assim como em Castro Marim. Um concelho que tem para perto de dois contos de réis de contribuições indirectas, parece, se elle quizesse andar judiciosamente ou com imparcialidade, devia repartir este onus, sobre a contribuição directa, mas não o entendeu elle assim, porque nem com um real quiz gravar a propriedade de raiz. A arrematação das rendas indirectas não é singular para o Algarve, tambem no Alemtejo, o concelho de Portalegre faz o mesmo a 21 que impõe aos seus moradores. E tão pouco deixa de ser commum a prodigalidade nas contribuições indirectas, em quanto as directas são de todo suprimidas. O concelho do Sardoal, tem 38 contribuições que são calculadas em 600:000 réis, e não tem senão um cifrão na casa das contribuições directas.

Eu sei perfeitamente que esta é a primeira vez que se tenta esclarecer o nosso regimen actual municipal, e por isso é mais que provavel, rara será a pessoa que lance uma vista d'olhos para este exame. Esta indifferença não tira todavia a esta tentativa um atomo da sua vitalidade. A organisação do poder municipal é mais necessario do que se cuida, por que este poder não obstante a sua inferioridade gerarchica, sem um regulamento adequado, póde contrariar, e por tanto estragar as mais bem concebidas medidas do poder legislativo.

Sem ir muito longe, estão as Côrtes empenhadas em assentar uma lei de decima que seja exequivel, com a menor oppressão possivel, e que hão de ir as municipalidades fazer em vista destas intenções do Parlamento? Vão lançar entre outros, muitos concelhos, no de Alijó, $87\frac{2}{3}$, no de Boticas 100.52, no de Ermello $165\frac{1}{2}$, no de Ervedello 96, em Favaios, em Mondim de Basto, Valle de Paços, Villar de Maçado, e em Avô 100, em Ruivães 144, e em Taboaço 125 por cento da mesma decima. Estes lançamentos são positivamente corvéas, e servem maravilhosamente para fomentar o descontentamento no povo.

A urgencia de uma providencia para as Camaras Municipaes, por isto é visivel e muito instante. Temos visto as exborbitantes sommas pedidas nos concelhos acabados de mencionar. Ha outros então aonde como em Evora Monte se pede $\frac{1}{18}$ avos, ou 1 em 18 do arrolamento da decima, que vem a ser 1$000 réis em 18$000 réis.

Esta exdruxula inversão acompanha de um extremo, que passa ao outro, os nossos corpos municipaes, em mais outras das suas disposições. Temos Aboim da Nobrega, que não duvida consignar para despezas facultativas, 9$600 réis, Terras do Boiro, 7$600 réis, e Paredes, 4$700 réis com mais 10$000 réis. Estas verbas são comicas, e mostram a sisudez com que por ora se está olhando para a gerencia do serviço municipal. Uma prescripção excepcional, muito notavel, vejo eu mais entre as muitas singularidades, que se comprehendem nos Mappas Municipaes, a qual vem a ser em Torres Novas, levarem 600 réis por cada sepultura maior, e 360 réis sendo menor. Esta exigencia póde ser que contenda com a piedade dos cidadãos daquelle concelho, porque se ha sentimento em que os nossos habitantes ruraes não perservem equanimidade, é nas crenças e ritos da sua religião, quando desconfiam que ella é offendida. Não deixaria portanto de ser opportuno averiguar da competencia desta postura.

Passando a outra parte deste nosso inquerito, deve-se saber que pelo nosso Codigo Administrativo, art. 441 foram auctorisadas as Camaras Municipaes a collectarem os proletarios em 2 dias de trabalho, ou o seu equivalente em dinheiro. Na conformidade desta auctorisação, Alhos Vedros collectou os seus jornaleiros em 200 réis, Alverca 160 réis, Fronteira em 2 dias de trabalho a 160 réis por dia a 130 jornaleiros, Ulme em 36 alqueires de milho, e 50 dias de trabalho aos seus moradores, e Arrayolos em 2 dias de trabalho a 120 réis cada um. Todas estas collectas são excessivas, e se ellas progredirem, nós teremos com o tempo, uma guerra servil no paiz. O proletario bem lhe basta a sua desgraça, para ella lhe não dever ser exacerbada com mais a sobrecarga de imposto algum directo.

Infinitas seriam ainda as observações a fazer aos Mappas n.° 5, se eu não devesse passar á segunda collecção delles n.° 6. Direi pois em conclusão da primeira collecção, que não obstante toda a indisposição que ha contra barreiras, em Gaia, já vão tachando as rodas de carro a 160 réis, e 80 réis, segundo são as suas larguras. A lei das estradas dizem que repugna, as suas disposições vão entretanto sendo adoptadas.

Uma futilidade, que me feriu muito nestes Mappas, porá fim a este artigo. Diz o concelho de Soajo em uma das suas notas para defender um seu imposto, que a pipa alli tem 238 por cento mais do que o padrão. A este absurdo, só posso responder com uma observação que tenho feito. Ha certas sensações que contendem com os sentidos, por mais distraido que se vá, por mais abstraido de qualquer preoccupação, por incommodado ou apathico que se esteja. Uma dessas sensações, é a repetição das mesmas horas que se ouve successivamente durante um quarto de hora em toda a parte de Lisboa. E de que provirá esta variedade? Provém da escacez que nós temos de gente que estudasse os primeiros rudimentos de Astronomia, e por isso não se sabe marcar com precisão o tempo. Applicando o cazo. Se as nossas escholas de primeiras lettras fossem mais numerosas, e seus mestres mais efficazes, já não era possivel que a Camara de Soajo dissesse que a sua pipa continha 71 $\frac{40}{100}$ almudes, por ignorar a Arithmetica.

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.

*(Continúa.)*

---

# LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO XXVIII.

### O capitão Aniceto Muleta.

87 Ainda se lembra de mim, sr. Inceto Maleitas? — perguntou o conde da Torre, rindo.

— Aniceto Muleta, um criado de V. S. — disse o capitão de milicianos, com voz tremula, e fazendo uma profunda reverencia.

— Aniceto Muleta, é verdade. Já que está aqui, sr. Aniceto, quero appresental-o a Sua Alteza...

— O sr. Infante, está aqui! — regougou o infeliz capitão, fazendo-se verde como um camaleão, quando está sobre uma folha de figueira, e olhando em roda de si com indisivel terror.

— Venha beijar-lhe a mão. O sr. Infante talvez queira fazer ao heroe de Fronteira, a honra de lhe dar a mão a beijar.

Aniceto Muleta, ao dar com os olhos em Sua Alteza, sentiu redobrar o tremor que o agitava. Os olhos dilataram-se-lhe desmesuradamente, o beiço inferior procurou apanhar as pontas dos bigodes, alongando-se convulsivamente, e o nariz, longo, recurvado como um bico de passaro, e similhante a um tapume, posto ao longo da cara pela natureza, como para occultar a um dos olhos os segredos do outro, desceu sensivelmente, como para auxiliar os esforços do beiço. Caindo de joelhos, o miliciano ficou mudo e immovel, como a estatua do mêdo.

— Quem é este homem? — perguntou D. Pedro ao Conde.

— É como V. A. acaba de ouvir, o sr. Aniceto Muleta, capitão de milicianos.

— E donde o conheces tu, Conde?

— De Fronteira...

— Sr. Conde! — exclamou Aniceto, fazendo um gesto de supplica.

— De Fronteira — proseguiu o conde da Torre, sem fazer caso desta dolorosa exclamação; — onde o vi na madrugada do dia seguinte ao da batalha do Canal, de que ha pouco fallei a V. A.

— Já era capitão?

— Já era capitão; e um capitão coberto de gloria. Quando eu o encontrei, acabava elle de commetter uma façanha digna...

— Sr. conde da Torre! — murmurou o capitão Muleta, estendendo as mãos para o general.

— Uma façanha que o torna digno da altura a que D. Sancho Manuel o queria elevar.

— Deixe-me sair daqui, meu general! — bradou o miliciano soffocado.

— Como V. A. vê, o sr. Aniceto Muleta tem uma modestia excessiva. Não quer, nem ao menos, que se saiba a historia das suas nobres acções. Foi por modestia, que elle fugiu quando eu o levava a Extremoz, para receber o premio, que o conde de Villa-Flôr lhe destinava.

— Estou com curiosidade de ouvir essa historia — accudiu o Infante rindo. — Dar-se-ha caso que o Muleta fizesse tambem pescaria de castelhanos?

— Não, meu Principe — respondeu o Conde, rindo involuntariamente da allusão de Sua Alteza. — Não fez uma pescaria de castelhanos; mas lançou a rede a uma dama flamenga.

— Pois este homem teve parte nesse roubo infame, que os villões de Fronteira commetteram? — perguntou Sua Alteza, lançando ao sr. Aniceto Muleta um olhar de despreso, que o fez quasi cair prostrado no chão.

— V. A. sabe, todos em Portugal tiveram noticia da violencia com que foi tratada a dama flamenga, que acompanhava D. João d'Astria.

— Deixe-me ir embora, pelo amor de Deus! — accudiu o capitão, pondo-se de pé.

— A dama de D. João d'Austria — proseguiu o conde fazendo ao sr. Aniceto signal para que se callasse, — depois da batalha do Canal ia fugindo para Arronches, acompanhada de alguns criados; quando, ao passar por Fronteira, foi acommettida por uma quadrilha de vilões, que tinha por caudel um virtuoso clerigo. Entraram no coche em que estava a dama, roubaram-lhe tudo, e affrontaram-na desafforadamente.

— Segundo vejo, este capitão tambem era da quadrilha do infame clerigo.

— Preferiu roubar em Fronteira, ás ordens de um padre, a pelejar no Ameixial com os do seu terço. Isto de milicianos é gente pouco afseita ás coisas da guerra; mas que gosta de ter parte nos despojos do inimigo.

— E como se soube, que esse homem commettêra o crime imperdoavel de desacatar um Infante de Hispanha?

— Foi um engano, uma calumnia — bradou Aniceto Muleta.

— Calle-se, Aniceto; não vê que Sua Alteza ainda lhe não ordenou que fallasse. A batalha, como V. A. sabe, acabou quasi á noite: foi então que eu fui encarregado pelo Conde de Villa Flôr de ir, com trezentos e cincoenta cavallos, atraz do inimigo para vêr se aprisionava D. João d'Austria. Persegui os castelhanos; mas como era noite, Sua Alteza poude-se escapar, apesar das grandes diligencias que fiz, para lograr o meu intento. Ao chegar a Fronteira, tive noticia da violencia commettida contra uma dama; da offensa feita a um Principe pelos villões.

— Já tinham fugido esses miseraveis?

— O clerigo e os da sua quadrilha desappareceram, mal tiveram noticia da minha chegada; mas um villão que prendemos contou-nos, que a esses insolentes se havia aggregado um tal capitão de milicianos, que viera do exercito naquella mesma tarde.

— Mentiu o villão! — acudiu o sr. Aniceto.

— Depois do roubo da dama, disse-nos tambem o paisano, o tal capitão fôra esconder-se na cella de um frade seu amigo, que fazia parte da communidade de um convento proximo.

— Meu rico Fr. Thomaz do Espirito Santo! — murmurou, pondo os olhos em alvo, o sr. Aniceto.

— Mandei dar uma busca ao convento — proseguiu o Conde da Torre, — porque desejava haver á mão um dos criminosos, para o pendurar n'uma forca.

— Jesus, misericordia! — clamou o miliciano. — Estive a ponto de morrer, por causa de uma calumnia.

— Que estavas tu a fazer n'uma cella de frade, em vez de estar no campo de batalha? — perguntou o Infante, á desgraçada victima do Conde da Torre.

— Estavamos, eu e o meu amigo, o meu respeitavel amigo Fr. Thomaz do Espirito Santo, a acabar a primeira parte de uma obra...

— Alguma arte de furtar, provavelmente.

— Não, meu Principe — acudiu o Muleta, a quem as palavras do Infante, acompanhadas de riso, haviam dado algum animo. — A obra que então haviamos principiado, e a que a minha má sina não tem deixado pôr termo, é uma nova *Arte de galanteria*, feita á imitação da que o sr.

D. Francisco de Portugal escreveu ha annos; mas muito mais desenvolvida e completa. É obra que ha de acabar por uma vez com barbarismos e desconchavos de máus escriptores.

— Ah! ah! Uma *Arte de galanteria!* — disse o Infante. — E deixaste o terço n'um dia de batalha, para ir a Fronteira escrever uma arte de galanteria, com um frade!

— V. A. bem sabe que cada um tem a sua vocação. Eu não nasci para matar os meus similhantes. . .

— Nasceste para galantear, e combater os barbarismos?

— Foi por galanteio que este miseravel tomou parte no roubo, e no desacato feito por villões a uma dama — accudiu o Conde da Torre, lançando ao misero Aniceto Muleta um olhar de despreso, que lhe entorpeceu a lingua, e lhe pôz de novo os membros n'uma convulsão.

— Não. . . não é verdade — balbuciou o capitão.

— Atreve-se a desmentir-me!

— Não é a V. S. que eu desminto, é ao calumniador. . .

— Já se não lembra v. m. da cruz de diamantes, que os meus soldados lhe encontraram na bolsa, e em que estavam gravadas as armas de D. João d'Austria?

— Eu não fui. . . fui accudir. . . sim, corri para salvar a dama. . .

— E ficou-lhe com uma cruz de diamantes.

— Foi ella, quem m'a deu. . .

— D. Sancho jurou que havia de mandar enforcar, quando os apanhasse, os que tomaram parte naquelle delicto cobarde; se v. m. escapou da outra vez, não escapará agora á justiça.

— Misericordia! Jesus me valha! Ai, que estou perdido, se V. A. se não compadece de mim! — exclamou o Muleta, cahindo aos pés de D. Pedro, debulhado em lagrimas.

— Como escapou elle á colera do Villa Flor?

— De um modo singular. Quando mo trouxeram, como me não podia demorar em Fronteira, ordenei a um soldado que o levasse preso á garupa do cavallo. Assim se fez: tiraram-lhe a espada, que nunca servira na guerra. . .

— Quem usa da penna, serve-se pouco da espada.

— Tiraram-lhe a espada, e com o proprio talim ataram-no pela cintura ao arção da sella. Sahimos de Fronteira, e a pouca distancia demos com um troço de castelhanos que ía fugindo. Corremos sobre elles, para os aprisionar, e foi n'esta occasião que o Sr. Muleta se nos escapou das mãos.

— Como fez elle isso?

— Deixou-se escorregar, e pendurado pela cintura, cortou, provavelmente com algum ferro que trazia escondido, a silha do cavallo, o que fez immediatamente voltar a sella e cair o soldado; isto tudo foi obra de um instante. Como o vi ficar estendido no chão ao pé do soldado, a nadar em sangue, julguei, que uma balla dos castelhanos havia varado o soldado e o preso: disse comigo — tiveste uma morte melhor do que merecias, excommungado capitão — e passei para diante, julgando que o Sr. Aniceto se não levantaria mais.

— E então! levantou-se, como vês.

— Quando dahi a uma hora tornámos a passar pelo sitio, onde o haviamos deixado por morto, encontrámos só o soldado, com uma faca cravada no coração.

— Este homem é assassino? — perguntou D. Pedro, pondo-se de pé.

— Foi para salvar a vida — respondeu, humilhando-se no pó o misero Muleta. — Perdoe-me, acuda-me V. A.; se não estou perdido.

— És um perro! — disse Sua Alteza com altivez — e eu devia mandar-te entregar á justiça, mas. . .

— Mas o que, meu Principe, o que quer V. A. fazer?

— Perdoar-te por esta vez. Não quero que digam, que do Corte-Real sahiu um homem para a forca.

A estas palavras Aniceto Muleta, arrastando-se até aos pés do Infante, pegou-lhe da mão e beijou-lha muitas vezes, chorando, e murmurando palavras entrecortadas de soluços.

— Vae-te — disse o Infante, recuando e apontando imperiosamente para uma das portas da galeria — vae-te; e não tornes outra vez a vir ao Corte-Real. . .

— Não fui eu que vim, foi. . . — murmurou o capitão com ar meio triste meio ridiculo.

— Bem sei — atalhou Sua Alteza sorrindo involuntariamente. — Vae-te.

O Sr. Aniceto julgou prudente obedecer, sem mais replica, á ordem do Infante. Quasi sem se levantar, e recuando para não voltar as costas a Sua Alteza, o auctor da nova *Arte de galanteria* foi-se summindo pouco a pouco nas trevas

que a noite começára já a espessar no fundo da galeria.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.
*(Continúa.)*

---

### A FEBRE AMARELLA.

**Ao meu amigo, Bernardo Francisco d'Oliveira.**

La doctrine d'une vie à venir, des récompenses et des chatiments après la mort, est nécessaire à toute société civile.
*Warburton. Voltaire*

I

88
Sonhei: era um lago immenso e turvo,
De verde-negras aguas, solitario,
Entre rochas alpestres, carcomidas
Já pela mão do tempo e onde apenas
Algum sargaço ou musgo vecejava,
Como planta exotica, trazida
Do patrio clima para solo ingrato:
Alli não florescia o lyrio ou rosa,
Nem límpida corrente murmurava
Ao som do canto harmonico das aves;
Nem o triste cypreste ao firmamento
Erguia a fronte, que o pesar das campas
Nunca fez acurvar e que parece
Apontar para o céu, qual dedo austero
De propheta, bradando ao caminhante:
— « Além o teu juiz, teu fim, teu mundo. »

Na superficie desse abysmo horrendo,
D'um sorvedouro á tenebrosa entrada,
Via-se um negro barco immovel, preso:
Pezava-lhe na pôpa um vulto enorme
D'aspecto fero e agigantados membros:
Era o genio do mal? — Talvez a morte,
Destruições a meditar, — quem sabe?!
Tinha o corpo vergado e parecia
Carnivoro abutre ou assassino,
Que na exangue prêsa se recreia.
Pela attitude e movimento e gestos,
Dissereis que entre os dedos collossaes
Esmagava uma a uma as flores bellas
De mimoso festão de rico preço,
Que servíra em festim d'homem soberbo,
Ou nas bôdas talvez d'um par querido;
E que por ellas contaria as vidas
De milhões de mortaes predestinados
Ao ferreo livro, que se via aberto
Sobre a erguida prôa, embellesada
Com a cabeça d'um dragão disforme!

Após instante breve, o vulto ergueu-se,
E sacudiu o manto ensanguentado:
Pegou d'um remo e revolveu as aguas
Com tamanho estridor, com tal prestesa,
Como se as horas d'um duello ouvíra.
E uma exhalação caliginosa,
De vapores pestiferos, impuros,
Subiu aos ares em columna ingente:
Esta columna converteu as fórmas
N'uma imagem de structura humana,
E outro involtorio de vapor mais claro
O corpo lhe circumda, qual sudario
Do modelo d'artista, ou de phantasma,
Que, no silencio torvo, em noite escura,
Vaga nos cemiterios e amedronta
Os moradores da visinha aldêa.
E essa figura d'apparencia horrivel
Pareceu-me sorrir de modo estranho,
Como louco phrenetico: os dentes
Rangeu tambem e suspirou a custo.
Depois, entre o esforço derradeiro,
Todos os membros flaccidos tremendo
Se lhe agitaram em convulsões de morte,
E no arranco doloroso ou triste,
Nas azas do tufão ou da vingança,
Seguiu n'um vôo, qual cometa errante,
O hemispherio do Brasil buscando!

Lá por onde passava o meteóro,
As nuvens se affastavam e de prompto
Um rouquenho trovão rugiu distante,
Como nas selvas o leão cioso,
Se fareja rival, ou quando sente
Do caçador os fulminantes dardos.
E eu, ao ribombo de sinistro agouro,
Acordei espantado, e pouco e pouco
Nem de todo illusão julguei meu sonho!

II

Eu vejo cidades e um povo d'afflictos
Curvados á magoa e ao duro soffrer;
Um carpe a irmã, outro a mãe querida,
Este o velho pae ajuda a morrer!

Embalde o amigo soccorre o amigo,
Que geme, que pena no leito da dôr,
Qu'aos golpes fataes da epidemia
Apenas murmura — compaixão, Senhor!

Ao vêr este quadro de consternação,
Quem póde deixar de pranto verter?
Do peccado e vicios, da feia ambição,
Quem póde deixar de s'arrepender?

O innocentinho, a virgem formosa,
Ha pouco contentes na praia a brincar,
Agora ao tufão do sôpro da morte
Lá vão no sepulchro seus dias findar!

E o navegante que ao mar escapou,
Lá chega, lá topa a morte tambem,
Sem vêr um amigo, sem ter um parente
Que os olhos lhe cerre, coitado, não tem!

Nas ondas se enxergam baixeis a boiar,
Sem vellas, sem rumo, nem tripulação;
Doentes ou mortos, tudo jáz prostrado;
Se algum inda vive, não vê salvação!

Já ruas e casas vasias estão;
Este busca o campo, aquelle a ermida,
E em preces devotas pedem ao Senhor
Que a patria assolada lhes seja remida!

Ao vêr este quadro de consternação,
Quem póde deixar de pranto verter?
Do peccado e vicios, da feia ambição
Quem póde deixar de s'arrepender?

O homem vaidoso sem crença, nem fé,
Já crê, e abraça o seu similhante;
Conhece que a vida é cheia d'enganos,
Que só Deus é grande, puro e radiante.

Por sobre esta scena de lucto e soffrer,
Qual pomba celeste de consolação,
As azas fagueiras piedoso estende
A filha do céu — a Religião!

III

Senhor, como é grande
Senhor, o teu poder;
Seja no bem ou mal
Elle se deixa vêr!

Nesse giro dos orbes,
No cahos e harmonia,
Revelam-se mysterios
De infinita poesia.

Se por acaso o homem
Da tua lei se affasta,
Para o tornar contricto
Cruel remorso basta;

Quando ás horas mortas
Se extasia a scismar,
Treme de vêr imperios
Nunca mais acordar!

E mal da grey rebelde
Que adore a corrupção,
Deixará de existir,
Deixa de ser nação!

Inda atravez dos tempos
Um vivo exemplo ha;
Inda vagam na terra
Os filhos de Judá!

Mas o Brasil, meu Deus,
O teu preceito adora;
Livra, Senhor, o triste,
Do mal que o devora.

Se foi irreverente,
Se tocou o delirio,
Eil-o purgando as faltas
No rigor do martyrio.

Como é magestosa
Tão geral contricção!
Tudo implora ao céu
A paz e a remissão!

É scena grandiosa,
Digna de ti, Jesus,
Vêr este povo novo
Ajoelhado á Cruz!

Maranhão — Abril 20
de 1850.

F. G. DE M. BRANCO.

---

# NOTICIAS E COMMERCIO.

## ACTOS OFFICIAES.

### 16 a 23 de Outubro.

DIARIO N.° 247.

89 Decreto approvando, para servir á fiscalisação e policia medica das boticas e governo dos respectivos boticarios, o Regimento dos preços das drogas medicinaes, medicamentos, remedios, e manipulações, que faz parte deste decreto.

DITO N.º 248.

Portaria approvando os estatutos provisorios para o Seminario de Evora.

Outra ordenando a abertura do Seminario de Evora no presente anno.

---

## HONRA Á MEMORIA DO DUQUE DE PALMELLA.

Muitos Socios da Sociedade Promotora da Industria Nacional — em o numero dos quaes se contavam alguns dos proprietarios das principaes Fabricas de Lisboa — assistiram á missa, que, na Capella do Jazigo do Duque de Palmella, fez dizer, pelo repouso da sua alma, a referida Sociedade.

A missa foi celebrada no oitavario, terça feira, 22 do corrente, pelo meio dia.

Assistiram alguns operarios das Fabricas; e 60 pobres do Asylo de Mendicidade, ahi mandados pela benemerita Commissão Administrativa dessa casa.

Foi uma ceremonia singela, como os principios de Religião, que representava; mas toda celebrada com o maior respeito, e a mais sentida tristeza.

Finda a missa, ouvida com mui catholico recolhimento, mais de 50 dos assistentes, levando tochas accesas desceram ao Jazigo, e ahi, ante o caixão, entrado ainda ha pouco, o Ministro de Deus rezou essas orações dos finados, que são, como lagrimas e lamentos, que a Egreja espalha em volta da sepultura. Foi este dos actos mais tristes e religiosos, a que temos assistido.

O pensamento de todos estava alli inteiro, sem desvio, entre Deus e aquelle cadaver. Se o subterraneo esfriava o corpo, o que se pensava parecia gelar o coração. O sêlo da morte estava em todos os semblantes.

As tochas davam, á pouca luz do jazigo, um aspecto lugubre e mysterioso, e se a voz do sacerdote parava, percebia-se que o silencio do tumulo não podia ser mais completo. Algumas lagrimas se observaram, e foram vistas com respeito, e choradas com o mais vivo e verdadeiro sentimento de amizade e de admiração.

Depois os pobres entraram no jazigo, e em alta voz rezaram um *pater* por alma do Duque, e outro, por alma da Duqueza, seus tão queridos e extremosos bemfeitores.

É impossivel descrever o effeito desta resa tão simples, e tão christã a erguer-se de ao pé de duas sepulturas até ao throno de Deus. — Os echos do jazigo pareciam desfazel-a em lagrimas, que o coração absorvia, ou que descuidadas se desprendiam dos olhos.

Por esta fórma, as preces dos representantes da Industria Nacional se uniram ás dos invalidos dessa Industria, — por que a vasta intelligencia do Duque e a sua piedosa charidade souberam comprehender como o homem é egual ante Deus e o trabalho.

Eis aqui a proposta, feita no Conselho da Sociedade Promotora da Industria Nacional, e por elle approvada, em virtude da qual foi celebrada a missa:

90 Senhores — Permitti, que fóra do costume das nossas sessões, eu me levante deste logar, para mais respeitosamente considerar o triste pensamento que nos reune em volta da cadeira da nossa presidencia, vaga pela sentida morte do illustre Duque de Palmella.

Foi o Duque homem, que será sempre lembrado na Europa, e que sempre deverá ser recordado pelos portuguezes, com saudade, e com respeito. A Corôa e a nação lhes devem muito. Nós além do quanto lhe devemos, como portuguezes, seriamos ingratos, se não tributassemos tambem á sua memoria o agradecimento, que merece o muito que o Duque se interessou pela associação a que pertencemos.

Todos que me escutam sabem, que o nome do Duque não era um symbolo official, que tinhamos á frente, e que firmava os nossos actos.

Na quadra em que estamos de desenvolvimento das forças industriaes, o Duque assistiu ao reapparecimento da Sociedade Promotora da Industria Nacional; e comprehendeu, que a sua reorganisação era mais um, entre tantos serviços prestados ao Paiz. Identificado, com a situação nova da Sociedade, a sua elevada intelligencia dirigiu os nossos trabalhos. Depois que a doença o separou da cadeira da presidencia, o seu conselho não nos deixou, senão hoje, que a sua presada familia, que a patria e que nós, amigos e respeitados, estamos todos, com o coração coberto pelo dó de uma desgraçada orphandade.

Quando a vossa nomeação me conferiu uma destas cadeiras, ao sentar-me no meio de vós, os industriaes, que em maior numero constituem este conselho, eram presididos pelo presidente da Camara dos Pares.

Devo confessar-vos hoje, que a lembrança do Duque, tão viva em nós todos, que a sua presença junto aos homens da industria, commoveu agradavelmente o meu animo. Esqueci a honra de vir formar parte de uma corporação presidida por um dos primeiros homens da nossa historia, e admirei, como as luctas politicas, que escondem a verdade a tão altos e prestadios entendimentos, não tinham desviado o Duque do caminho, que para o desenvolvimento da prosperidade publica estão abrindo, ao lado da tribuna e da imprensa, politica alguns homens de animo independente e com o coração cheio de esperanças.

Muitas vezes ao findar as discussões agitadas da Camara Alta, o Duque veio sentar-se na cadeira da

nossa presidencia, para dirigir a placida discussão dos interesses da Industria Nacional, á luz dos melhores desejos e sem que a sombra de nenhum estandarte politico reflectisse sobre o nosso pensamento.

Nós promovemos a Industria, para que o trabalho moralise este Paiz; promovemos a Industria, para que os seus valores crescendo acabem a nossa pobreza; promovemos a Industria, para que a nossa civilisação augmentando, nos ganhe o logar a que temos direito entre as mais cultas nações da Europa. Esta é a nossa missão: esta foi sempre a opinião do Duque, ácerca dos nossos deveres. O pensamento civilisador e patriotico que nos reune, vivia na sua alma, e da sua cabeça passou para os nossos actos. A Industria contrahiu por tanto para com o Duque uma grande divida, destas que se pagam com toda a gratidão da alma, e que assim mesmo nunca ficam pagas aos olhos de Deus e da consciencia. Levantei-me para reproduzir o desejo que está no coração de vós todos, e para propôr á memoria do Duque em vosso nome, em nome da Industria Nacional um tributo de respeito e de elevada estima, que resumo nas seguintes propostas:

A Sociedade fará rezar no Cemiterio dos Prazeres uma missa por alma do Duque. Serão convidados a assistir a esta missa todos os membros da Sociedade e mais pessoas que se interessam no desenvolvimento da Industria Nacional.

O busto do Duque será inaugurado na sala das nossas sessões, no primeiro Domingo, findos 30 dias depois da morte do Duque.

A cadeira da presidencia é declarada vaga por 3 mezes, e durante esse tempo permanecerá coberta de lucto.

Se houver sessão de distribuição de premios, a cadeira da presidencia estará tambem vaga nesse dia e coberta de lucto, se os 3 mezes não houverem findado.

Será lançado na acta da sessão de hoje, que o conselho recebeu com o mais profundo sentimento a triste noticia da morte do Duque.

Lisboa, 17 de Outubro de 1850.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

## PARTICULARIDADES ÁCERCA DO EMBAIXADOR INDIO DE NEPAUL.

91 O General principe Sung Baadoor Rangjee, que actualmente excita em Paris a curiosidade publica, é contado entre os mais valentes guerreiros da sua nação. Tem 32 annos; é de figura varonil e esbelta, não obstante ser de mediana estatura; a cutis é um tanto acobreada; seus irmãos, um de 26, outro de 22 annos, são moços de compleição robusta e phisionomia intelligente e animada.

Trajam vestidos magnificos e bellos, e cobrem a cabeça com um rico turbante de tela de oiro, adornado de perolas finas e de uma pluma branca realçada com diamantes. Usam indistinctamente duas castas de vestuario, ou uma tunica larga de côr verde que chega até o chão, abotoada pelo peito, coberta de bordados de oiro, e com duas largas dragonas, tambem de canotilho de oiro, que dão a este brilhante vestido apparencia militar: ou então uma especie de camisola de seda cheia de bordados.

Os caudilhos soberanos de tribus que acompanham o embaixador, são de mais idade do que este, porque tem de 40 a 60 annos; e seu traje faz pouca differença do que usa o general; o turbante, porém, é vermelho com pluma branca e verde, tendo esta por broche um só diamante.

Toda a embaixada compõe-se de 37 pessoas, que se alojam no hotel Sinet, arrabalde Saint-Honoré. Os illustres viajantes seguem na Europa, quanto lhes é possivel, os usos do seu paiz. Parece não ser exacto, como disseram alguns jornaes, que immolavam na dita estalagem os animaes destinados ao seu alimento, porque não foi possivel ministrar-lhes os que a sua religião proscreve, que são os chibos gordos que não passem de dois annos. O embaixador pediu-os logo no primeiro dia, mas não pôde encontrar-se um em toda Paris, pelo que se mandaram buscar a Amiens. Á falta deste alimento, elle e sua comitiva se contentaram com algumas peças de caça. Todavia o seu alimento habitual consiste em pescado, couve-flôr, e leite. Cada um delles prepara e faz guizar a sua comida em cosinha separada; pois que o seu rito lho ordena que estejam sós durante as horas da preparação das iguarias e da comida. Cada chefe tem sua cosinha e creados particulares.

Os exercicios hyppicos, os do circo e do hippodromo lhes agradam infinito. A maior parte delles, e principalmente o embaixador, são mui afamados na sua terra pela pericia na equitação.

Sung Baadoor possue no maior auge a arte de domar e ensinar os cavallos. Conta-se delle que n'um combate fez atravessar o seu cavallo uma torrente por cima de uma arvore derribada: vendo o imperador o perigo que o seu intrepido ministro corria, lhe rogou que não continuasse naquella arriscada passagem, e Baadoor teve a incrivel destreza de voltar o cavallo pelo mais delgado da arvore que lhe servia de ponte.

## SUPERSTIÇÃO EM NOVA-ORLEANS.

92 A policia da Nova-Orleans descobriu uma pratica supersticiosa, que todavia ha muito era observada pela gente de côr daquella cidade. Certa mulata, por nome Betsey Tolendana, foi denunciada ás auctoridades como cumplice de uma reunião secreta de pessoas de côr que frequentavam sua casa. Ao principiar a busca, a primeira coisa que deu na vista dos agentes policiaes foi uma sala armada á feição de templo com efigies e paineis biblicos; havia um altar onde estavam collocadas varias taças grandes, cheias de pedras de distinctas côres, e outros vasos contendo liquidos tambem de côres diversas.

Na sala estavam muitas mulatas entregues a suas ceremonias religiosas. A apparição dos beleguins advertiu-as do perigo, e trataram de evadir-se pelas janellas e portas. A dona da casa defendeu-se das accusações da policia declarando, que as ceremonias que naquelle acto se praticavam, alli mesmo as fizera sua mãe, e antes desta sua avó, que as introduzíra trazendo-as da costa occidental de Africa.

Segundo a narração da tia Tolendana, parece que as pedras mettidas nos liquidos que estavam no altar

serviam para impedir a queda de raios na casa em occasião de tempestade; e com os caracoes, que tambem alli havia em quantidade, se podia governar e mudar o tempo, fazendo que chovesse ou deixasse de chover, a aprasimento de quem praticava o sortilegio.

---

## PREMIOS DA ACADEMIA FRANCEZA.

93 A distribuição dos premios fez-se da maneira seguinte:

Premio de 3.000 francos a Mr. Th. Henri Martin pela sua obra intitulada: *Philosophie spiritualiste de la nature.*

De 3.000 francos a M. Adolphe Garnier, pelo seu livro: *Morale Sociale ou les devoirs de l'état et des cytoyens en ce qui concerne la propriété, la famille, l'èducation*, etc.

De 3.000 francos a Mr. C. Waddington-Kastus pela obra: *De la psycologie d'Aristote.*

Medalha de 2.000 francos a Madame Desbordes-Valmore, pela obra: *Les Anges de la famille.*

Medalha de 2.000 francos a Madame de Bawr, pela obra: *Soirées des jeunes personnes.*

Medalha de 2.000 francos a Madame de Challié (antes Mademoiselle Jussieu), pela obra: *Essai sur la liberté, l'ègalité, la fraternité, considerèes au point de vue chrétien, social et personnel.*

Medalha de 2.000 francos a Madame Papée (antes Marie Carpentier) pela obra: *Enseignement pratique dans les écoles maternelles.*

Medalha de 2.000 francos a Madame Monmerqué, pela obra intitulada: *Paul Morin.*

Premio extraordinario proveniente dos legados de M. de Monthyon. A Academia tinha proposto em 1845 um premio de 10.000 francos que deveria ser conferido em 1850, ao auctor francez de uma obra dramatica em 5 actos, e em verso, impressa, e representada em França, e que ao merecimento litterario reunisse outro não menos inferior, o de ser util aos bons costumes e aos progressos da rasão.

A Academia concedeu um premio de 7.000 francos a Mr. Emile Augier, auctor de *Gabrielle*, comedia em cinco actos e em verso; e uma medalha de 3.000 francos a Mr. J. Autran, auctor da *Fille d'Eschyle*, estudo ao modo antigo, tambem em cinco actos e em verso.

Premio extraordinario, fundado pelo Barão Gobert para o escripto mais eloquente sobre a historia de França. Este premio, conforme a expressa intenção do testador, consta de nove decimos da renda total que legou á Academia, sendo reservada a restante decima parte para o escripto que merecesse o *accessit.* — Às obras premiadas, por disposição do testador, ficam pertencendo os premios annuaes até a declaração a favor de outras obras de maior merito; e não tendo apparecido no anno findo, na opinião da Academia, livro que podesse disputar o premio aos que precedentemente o obtiveram, continua a perceber o primeiro, Mr. Augustin Thierry, auctor das *Considérations sur l'histoire de France* e dos *Récits des temps merovingiens*, e o segundo, Mr. Bazin pela sua *Histoire de Luiz XIII.*

O premio de eloquencia, cujo assumpto era o elogio de Madame de Stael, foi conferido a Mr. Henri Baudrillard.

---

## ESTATISTICA MEDICA.

94 Segundo as informações que obteve o *Observador*, de Coimbra, existem no Districto de Coimbra, 90 Medicos, 53 Cirurgiões, e 93 Boticarios.

A Cidade e arrabaldes concorrem para estas sommas com 40 Medicos, 12 Cirurgiões, e 12 Boticarios.

No concelho de Pampilhosa não ha Medico nem Cirurgião, o mesmo acontece no concelho de Alvares.

Em Taboa não ha Boticario, e no de Tentugal, bem visinho de Coimbra, não ha Cirurgião.

---

## PREÇO DO PÃO.

95 Sobe o preço do pão. Esta alta não provem das leis regulares do mercado, e por tanto é um facto anormal que se desliga dos principios geraes do commercio, e que vem directamente collocar-se ante a acção da lei. Somos defensores da lei da exportação livre dos cereaes, julgamol-a ainda hoje uma das melhores do paiz, mas não queremos que ella sirva de escudo para defender a especulação do crime de enriquecer com a fome do pobre. Se os especuladores não param na alta do preço, o Governo e o poder Municipal tem meios de os fazer parar no máu caminho por onde querem arrastar o seu tracto commercial.

---

## VAPOR IMPERIAL.

96 O Imperador da Russia mandou construir, no arsenal inglez de Woolwich, um hiate de ferro movido por vapor. É um navio esplendido que tem o apparelho de uma fragata e um motor da força de 140 cavallos. Chama-se Petérhoff e é do porte de 412 toneladas. Já foi ensaiado no Tamisa; trabalhou excellentemente e com rara velocidade. Pelo meado do corrente mez devia partir para S. Petersburgo. A disposição e arranjo interino não póde exceder-se. O camarote destinado ao Imperador é espaçoso e tem de alto 7 pés e meio, construido de acajú maciço, ornado pela parte de dentro com embutidos de madeira de bôrdo do norte, com fogão de grades de aço polido e sumptuosa chaminé de marmore perfeitamente lavrada. O camarote das senhoras é egualmente rico.

---

## COLLEGIO DO PORTICO.

97 Este Collegio sito na rua do Machadinho, junto á Esperança, fundado e dirigido por Antonio Feliciano de Castilho, não obstante haver já começado os seus trabalhos, continua a admittir alumnos, e a receber do melhor grado a visita de quaesquer pessoas, que desejem conhecer os pormenores dos novos e efficazes methodos de ensino adoptados, e seguidos n'este estabelecimento.

*Preços mensaes pagos adiantadamente.* — Alumnos internos, por instrucção primaria, 10$000 réis.

Ditos, por instrucção secundaria, 12$000 réis.

Hospedes, por instrucção primaria, 6$000 réis.
Ditos, por instrucção secundaria, 8$000 réis.
Externos, por instrucção primaria, 1$440 réis.
Ditos, por instrucção secundaria, 2$400 réis.

As mais condições de ajuste presencialmente se explicarão com toda a miudesa a quem houver interesse em conhecel-as; assim como se lhe mostrarão todos os commodos do vasto, alegre, e mui saudavel palacio em que se acha o estabelecimento.

---

### BOLETIM COMMERCIAL.

98 — *Londres*, 16 de Outubro. Os consolidados inglezes ficaram de $97\frac{5}{8}$ o $97\frac{3}{4}$ prompto pagamento, e de $93\frac{3}{4}$ a $\frac{7}{8}$ para 12 de Novembro; os quatro por cento portuguezes a $33\frac{1}{2}$.

— *Paris*, 15. — Os tres por cento a 56 fr., 95 c.; os cinco por cento a 91 fr., 80 c.

— *Berlin*, 14. Emprestimo voluntario, $106\frac{3}{4}$: novo emprestimo de $4\frac{1}{2}$ por cento $99\frac{5}{8}$; antiga divida nacional, $85\frac{1}{2}$.

— *Vienna*, 12. Os cinco por cento metallicos, $95\frac{1}{4}$; os quatro e meio por cento $82\frac{7}{8}$.

### BIBLIOGRAPHIA.

---

99 SOLEMNIA VERBA. — *Cartas ao Sr. A. L. Magessi Tavares, sobre a questão actual entre a verdade e uma parte do clero*, por *A. Herculano*.

---

HISTORIA DE PORTUGAL, em 3 volumes.

---

COMPENDIO DE HISTORIA DE PORTUGAL, approvado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica para uso das aulas de Instrucção Secundaria.

---

RESUMO DE HISTORIA PORTUGUEZA, para uso das aulas de Instrucção Primaria.

---

COMPENDIO DE CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA, para uso das aulas de Instrucção Primaria e Secundaria, por João Felix Pereira, professor de Geographia, Chronologia e Historia no Lyceo Nacional de Lisboa.

Vendem-se só na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.º 8. A 1.ª por 2.080; a 2.ª por 800; 3.ª por 240; a 4.ª por 240.

---